

Ensino cooperativo (remoto) de piano na licenciatura em música: a extensão universitária como ferramenta de formação

GTE 01 – A pedagogia do piano em perspectiva: dimensões reflexivas e práticas

Comunicação

*Josélia Ramalho Vieira
Universidade Federal da Paraíba
joselia@ccta.ufpb.br*

Resumo: Este relato trata da formação do(a) professor(a) de piano em um curso de licenciatura em música e como a extensão é amplamente utilizada como espaço de formação para os estudantes ligados ao PianoLab/UFPB. Abordo a Aprendizagem Cooperativa como o principal referencial teórico das ações, em particular, a estratégia “Aprendendo Juntos” proposta por David W. Johnson e Roger T. Johnson. E, durante os anos pandêmicos de 2020 e 2021, relato como a migração do ensino de piano presencial para o remoto foi influenciada positivamente devido a ótica explanada. O contato com o ensino em grupo é importante para a formação do licenciando e o PianoLab/UFPB, através das suas ações de extensão, proporciona tanto o espaço para o ensino/aprendizagem quanto para a reflexão sobre o ensino em grupo.

Palavras-chave: Pedagogia do piano. Ensino Superior. Extensão Universitária. Aprendizagem cooperativa

A Extensão Universitária na UFPB

O ensino formal de música na Universidade Federal da Paraíba foi iniciado com a criação do Bacharelado em Música¹, em 1978 (UFPB, 1978), porém o ensino de música já existia na Instituição desde 1963, através dos Cursos Livres oferecidos pelo Departamento Cultural, que mais tarde tornou-se a Coordenação de Extensão Cultural – COEX. O ensino de piano, assim como os cursos de música em geral, não tinham currículo fixo, e foram inspirados nas Oficinas de Música da Universidade Federal da Bahia. (CAMACHO, 2013; KAPLAN, 1999).

A Extensão Universitária na UFPB foi regulamentada em 1978² e é definida como “como um processo educativo, cultural, científico e tecnológico que articula o ensino e

¹ Resolução do CONSUNI n. 261, de 20 de novembro de 1978.

² Resolução do CONSEPE no 31/1978.

pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade, podendo ser exercida em caráter eventual ou permanente”. (UFPB, 2014).

A resolução N. 7, de 2018, do Ministério da Educação sobre a Extensão na Educação Superior Brasileira estabelece que as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% do total da carga horária e devem fazer parte da matriz curricular. Reza, no seu Art.5º, item II, que uma das diretrizes é a “formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo **interprofissional e interdisciplinar**, seja valorizada e integrada à **matriz curricular**” e ainda, que “a articulação entre ensino/extensão/pesquisa [seja] ancorada em **processo pedagógico único**, interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico”. (BRASIL, 2018, grifos meus). Como será a adequação à esta resolução ainda está em discussão na Instituição.

O curso de licenciatura em música foi criado apenas em 2005 (Resolução CONSEPE, 17/2005) obedecendo a LDB 9394/96 que reformulou a proposta do ensino de Artes e excluiu a nomenclatura Educação Artística. Os alunos da licenciatura em música da UFPB escolhem uma habilitação (instrumento ou canto) em que se especializará, e nesta habilitação, o discente irá cursar os componentes curriculares “Instrumento” de I a VIII e “Classe de Instrumento” de I a V. Usualmente, as aulas de instrumentos são individuais e as Classes são em grupo.

Incentivar a participação deles na extensão “ampliando o leque de possibilidades de atuação dos alunos junto à comunidade, de forma que a produção de conhecimento na área se torne mais acessível e democratizada” é uma diretriz do Projeto Pedagógico do Curso. (UFPB, 2009, p.18), portanto os discentes cuja a habilitação é o piano, devem ter uma formação que os permitam atuar tanto como instrumentistas quanto professores em diferentes espaços. E a extensão é um dos caminhos.

Muitos dos ingressantes nos cursos de música, tanto bacharelado quanto licenciatura, são egressos dos cursos de extensão, o que nos leva a enfatizar a importância deste no âmbito acadêmico. Além de favorecer a integração entre a Licenciatura em Música e a comunidade, a atuação do estudante na extensão permite que essas horas sejam aproveitadas como “Conteúdos Complementares Flexíveis”³.

³ “O aluno deverá cumprir a carga horária mínima de 120h, referentes a esses conteúdos, em atividades selecionadas por ele a partir da orientação do professor tutor/orientador. Dessa forma, esses conteúdos poderão ser realizados em disciplinas – cursadas em períodos regulares e/ou em módulos –, em cursos de curta

Desta forma, como todos os docentes, atuo no tripé ensino, extensão e pesquisa, e procuro articular a formação pedagógica do estudante, especificamente no ensino de piano, com sua atuação na extensão. Para isso é importante destacar as bolsas oferecidas pelo Programa de Extensão – PROBEX, criado em 1997, o programa tem como principal objetivo

- Incentivar a participação de alunos, servidores técnicos e professores nas atividades de extensão da UFPB, contribuindo para o seu fortalecimento.
- Estimular o desenvolvimento da criatividade na busca de soluções frente ao confronto do saber científico com o saber popular, aprimorando o processo formativo de profissionais enquanto cidadãos (UFPB, 1997).

Outro programa que oferece bolsas é o Programa de Licenciatura – PROLICEN – que incentiva ações com alunos de escolas públicas. São estes os dois principais fomentos recebidos pelo PianoLab/UFPB cujo incentivo colabora para a permanência do estudante nas ações propostas.

PianoLab/UFPB: espaço de cooperação e aprendizado

O Laboratório de Pianos – PianoLab/UFPB funciona, desde 2009, como um espaço formador, notadamente, no ensino de piano em grupo (EPG). No campo da extensão as ações abrangem diferentes frentes: a) ensino de piano para adultos da comunidade; b) preparação de alunos atendidos pelo *Projeto de ação social através da música e artes – PRIMA* do Governo do Estado⁴ para o Processo Seletivo de Conhecimento Específico (PSCE), obrigatório para quem vai cursar a graduação em música; c) divulgação de material didático e metodologia do EPG na modalidade remota para os professores do Polo de Piano do PRIMA; d) grupo de estudo sobre esta modalidade de ensino, tanto nos seus aspectos teóricos quanto práticos, utilizando plataformas remotas do PianoLab/UFPB, como espaço para esta troca; e) atuação remota em espaços fora da Universidade, como o Seminário Arquidiocesano da Paraíba com o Curso de teoria e prática; f) produção artística em Grupo ou como solistas para as plataformas digitais.

duração, através da participação em projetos de ensino, pesquisa e extensão, bem como em outras atividades oferecidas no âmbito da Universidade”. (UFPB, PPC, p.27)

⁴ O *Projeto de ação social através da música e artes – PRIMA*, mantido pelo Governo do Estado, recebe alunos de escolas públicas em Polos espalhados pelo Estado. Em 2018, criou um Polo exclusivo para o ensino de piano, numa parceria com o PianoLab/UFPB.

O contato com o ensino em grupo é de fundamental importância para a formação do licenciando e o PianoLab/UFPB proporciona tanto o espaço para o ensino/aprendizagem quanto para a reflexão sobre o ensino em grupo. Segundo o Projeto Pedagógico do Curso

compete aos cursos de licenciatura em música a capacitação de profissionais para a atuação na docência, abrangendo, no caso da música, não somente a educação básica, mas também lugares como escolas especializadas de ensino da música e outros contextos emergentes na sociedade, onde a atuação docente de um professor com formação específica nesse campo de conhecimento se mostra fundamental. (UFPB, 2009, p. 6)

Ora, este é um leque muito amplo. Na formação do professor de piano é necessário desenvolver a própria performance, como interpretar músicas de períodos distintos, conhecer e dominar aspectos técnicos do seu instrumento, e por outro lado, uma faceta pedagógica ampla, que engloba o ensino da música em diversos espaços e o ensino do instrumento cursado pelo aluno. Ao mesmo tempo, durante o curso, o estudante deve ter a formação para atuar na Escola Básica e outros contextos.

São poucos os componentes curriculares dedicados especificamente para o ensino do instrumento piano na estrutura curricular do curso. Os estágios supervisionados obrigatórios são realizados na segunda metade do curso, sendo o Estágio I na Escola de Educação Básica; o II, no terceiro setor, como por exemplo o já citado Projeto Social PRIMA e o III, em Escolas Especializadas ou na Extensão. Isto é, o nosso estudante de piano pode fazer seus Estágios Obrigatórios II e III nas ações extensionistas do próprio PianoLab/UFPB. A extensão permite que o estudante de piano atue, acompanhe, auxilie, monitore e participe dessas ações desde o primeiro semestre curso, dando suporte teórico e prático para a futura prática pedagógica no ensino (remoto) de piano, seja em grupo ou não.

O referencial teórico que utilizo é a Aprendizagem Cooperativa, em particular, a estratégia “Aprendendo Juntos” proposta por David W. Johnson e Roger T. Johnson (1999a, 1999b). A escolha da cooperação para o EPG se deu, pois naturalmente ensinamos em grupo, e a aprendizagem cooperativa se enquadra bem, pois podemos utilizar estratégias já testadas no campo da educação. Quanto à escolha da estratégia proposta por Johnson e Johnson, esta foi a escolhida por mim por dois motivos principais: a) por tomar por base a coesão do grupo, ao invés da competição; b) por seus autores incluírem na proposta a

aprendizagem individual como parte da estratégia de aprendizado do grupo. O que é fundamental para o ensino-aprendizagem em música.

Aprendendo Juntos

Os irmãos Johnson e Johnson definem a aprendizagem cooperativa como a atividade em grupo para alcançar objetivos. Por exemplo, se tomarmos como objetivo aprender tal música, as atividades do grupo serão planejadas para este fim. O objetivo pode ser algo a ser alcançado em uma atividade de 5 minutos de duração, ou de 1 semestre inteiro. Situações cooperativas demandam que o grupo esteja acima do indivíduo. Desta forma, os autores definem aprendizagem cooperativa como “a atividade instrucional que utiliza pequenos grupos de modo que ao trabalhar em conjunto os alunos maximizem a aprendizagem individual e do grupo”⁵ (JOHNSON; JOHNSON, 1999b, p.5, tradução minha).

Os mesmos autores consideram este tipo de aprendizagem como “o coração do aprendizado baseado em problemas” e é planejada para que forneça “incentivos aos membros de um grupo a fim de que eles participem no esforço do grupo”. (JOHNSON et al. 2000, p.26). A cooperação exige que os envolvidos em uma tarefa tenham que desenvolver habilidades sociais ao mesmo tempo em que precisam completar a tarefa. Ter expertise em aplicar a cooperação no ensino do piano em grupo demanda tempo e esforço. Exige, continuamente, que os conteúdos, repertórios e estratégias sejam adaptados às necessidades dos alunos, espaços e circunstâncias pedagógicas específicas.

“Do ponto de vista da ciência do conhecimento, a aprendizagem cooperativa envolve modelação, treinamento e um andaime - um quadro de conceitos que propiciam o entendimento do que está sendo aprendido”. (JOHNSON et al. 2000, p.26).

A estratégia “Aprendendo Juntos” interrelaciona três modos de aprendizagem cooperativa:

1. A **formal** - aquela em que os alunos trabalham juntos, durante um período de várias semanas, para atingir alvos compartilhados visando completar, em conjunto, tarefas e trabalhos específicos.
2. A **Informal** [onde] são usados primariamente para promover a instrução direta formados por um breve período de tempo (tal como discussões de 2 a 4 minutos contínuos durante um sessão de aula).
3. Os grupos em **base cooperativa** - grupos de longo prazo (que duram, pelo menos, um semestre) com um rol estável de membros, cuja

⁵ Cooperative learning is the instructional use of small group so that students work together to maximize their own and each other's learning (JOHNSON; JOHNSON, 1999, p.5).

responsabilidade principal é fornecer a cada aluno o apoio e o encorajamento de que necessita para progredir academicamente e completar seu(s) curso(s) com sucesso. (JOHNSON et al. 2000, p.26).

Os três tipos de aprendizados estão sendo aplicados na extensão universitária proposta por mim, a) **a formal**: trabalhamos formalmente durante todo o curso do discente (8 semestres) buscando atingir objetivos traçados na extensão; b) **a informal**: durante as reuniões (remotas) semanais, oriento e fomento breves discussões informais com objetivos pedagógicos específicos; e c) a Equipe PianoLab/UFPB se tornou **um grupo de base cooperativa** cujos membros mais velhos apoiam e incentivam os mais jovens durante todo o curso. Por exemplo, o professor do Projeto Social é egresso do Curso, tendo sido bolsista dos Programas de Extensão e de Licenciatura durante 8 períodos, e continua como membro do PianoLab/UFPB, extrapolando a duração do vínculo iniciado na Universidade para além da sua vida acadêmica.

Da mesma forma, os estudantes de licenciatura aplicam estratégias cooperativas nas suas ações pedagógicas extensionistas. E como “aprendizes cooperativos cognitivamente ensaiam e reestruturam informações para retê-las na memória e incorporá-las em estruturas cognitivas existentes”. Os autores acreditam que “compreender os elementos essenciais permite que os professores (a) pensem metacognitivamente sobre a aprendizagem cooperativa, (b) criem qualquer número de aulas, estratégias e atividades, e (c) alcancem o objetivo de desenvolver expertise”. (JOHNSON et al. 2000, p.26).

Os elementos essenciais são: interdependência positiva, responsabilidade individual, interação promotora, habilidades sociais, e processamento de grupo. E são de inteira responsabilidade do docente para que sejam aplicados.

O ensino de piano em grupo é naturalmente um campo para a cooperação, especialmente, as metodologias e estratégias do ensino individual não se adequam, na maioria das situações, ao EPG. Com o desafio do ensino remoto relato como os elementos essenciais da aprendizagem cooperativa puderam ser estruturados durante os anos pandêmicos e quais resultados para a sua implantação.

Ações e respostas cooperativas nos anos pandêmicos

A pandemia e a suspensão das atividades acadêmicas do modo presencial pegou a todos de surpresa, porém os esforços da equipe permitiram que todas as atividades do PianoLab/UFPB migrassem do presencial para o remoto.

Toda a equipe - coordenadora, bolsista, voluntários e professor externo - se esforçou para atuar em um campo novo, o ensino remoto de piano. Foi a mais pura concretização da estratégia “Aprendendo Juntos”, o tempo entre a suspensão das aulas presenciais e a nossa primeira ação remota foi de apenas três (03) semanas.

As ações pedagógicas que realizamos *juntos* foram a) reformulação do modo de ensinar e aprender piano; b) criação das salas na plataforma do Google Sala de Aula; c) aprendizado na produção de conteúdos para o ensino remoto de piano (vídeos-aulas; playbacks; vídeo-partitura; etc); d) descoberta da real situação de conectividade de todos os estudantes graduandos e extensionistas; e) cooperação no empréstimo de quatro (4) pianos digitais da Universidade para as residências dos membros da equipe; f) abertura dos 3 Canais no plataforma Youtube para publicação das produções artísticas e pedagógicas, o do Laboratório⁶, do Projeto Social⁷ e do Seminário⁸; enfim, *juntos* aprendemos novas maneiras de ser professor de piano.

Um dos grandes desafios foi atender às crianças e adolescentes do Projeto Social, já que a maioria sequer possuíam um teclado em casa. Os 33 alunos divididos em 03 turmas - a infantil, a juvenil e a turma de preparatório para o PSCE – prova de ingresso para os Cursos de Música da UFPB – foram instigados a manter a prática com ferramentas pedagógicas como teclado de papel e aplicativo de celular *Walk-Band*⁹. A grande oferta de vagas para piano no Projeto só é possível porque prevê aulas no modelo de grupo e com a ativa participação dos nossos extensionistas.

⁶ Endereço do Canal do PianoLab/UFPB: https://www.youtube.com/channel/UCQxXRABMmr_b-OuY5Sm1pag/featured

⁷ Endereço do Canal do Polo de Piano do PRIMA: <https://www.youtube.com/channel/UCk-HpFig80KBSw6q1QE34LA>

⁸ Endereço do Canal do Seminário Arquidiocesano da Paraíba: https://www.youtube.com/channel/UC5Cy4G2KHT_jR4sfksfbNqQ/videos

⁹ *Walk band* que oferece vários recursos: a) a possibilidade de escolher a quantidade de teclas na tela, b) regulagem do tamanho das teclas em altura e largura; c) opção de gravação; d) simulação dos pedais do piano; e) a inscrição dos nomes das notas nas teclas; e) metrônomo (FALCÃO; VIEIRA, 2020).

Ao final do primeiro ano pandêmico o percentual de permanência dos alunos do projeto social foi alta, 73% do alunos. Sobre o Recital On-line ao final do primeiro ano pandêmico, cito

A gravação de alguns alunos aconteceu presencialmente, o que foi permitido pela flexibilização das medidas restritivas na cidade. Esse encontro individual, com distanciamento social e todas as medidas sanitárias, possibilitou que alunos que estavam tocando através do *app* pudessem tocar no piano digital e demonstrar a eficácia no aprendizado através de dispositivos móveis. (FALCÃO; VIEIRA, 2020)

Os demais recitais remotos dizem respeito à prática performática dos alunos extensionistas (internos) tocando arranjos em grupo, elaborados, executados e editados em grupo; e performances solo de seu repertório da graduação; recital de alunos de extensão piano avançado e performance dos alunos do Seminário (coral e piano).

Aprendemos juntos a entender que a melhor plataforma seria o *Zoom*, pela melhor qualidade sonora e facilidade na divisão de grupo, com o acesso do professor a cada grupo sem dispersão. Buscamos juntos um bom editor de vídeo e escolhemos o *Movavi*, para slides, utilizamos o *Canvas*, que tem opção de gravação de voz ou vídeo para o professor gravar aulas assíncronas. Para gravações de áudio, utilizamos o *Audacity (gratuito)*. Para gravação de vídeos, os celulares foram a opção mais prática. Para os alunos que não tinham memória para gravação, sugerimos gravar no *Zoom*, salvar e baixar o vídeo, posteriormente.

A **interdependência positiva** é assegurar “que cada estudante perceba que está ligado(a) a outros de tal maneira a sentir que não terá sucesso algum a não ser que os outros também o tenham” (JOHNSON at al, 2000). Neste sentido, estar ligado a um grupo coeso fez que acreditássemos na eficácia do ensino remoto. Por exemplo, enquanto um de nós aprendia como lidar com a plataforma Zoom e Meet, outro aprendia como fazer vídeos didáticos e depois compartilhávamos os conhecimentos.

Para estabelecer o segundo elemento essencial o docente deve estruturar uma **responsabilização individual** de tal modo que, mesmo dentro do grupo, o desempenho de cada aluno seja avaliado. Isto é, aprender juntos e ter desempenho melhor como indivíduo. Por exemplo, para que o Recital Online pudesse acontecer várias tarefas foram necessárias: como a) abrir o Canal do Youtube, b) escolher repertório individual e em conjunto, c) produção de *playback*; d) do vídeo tutorial de como cada aluno deveria gravar sua parte

utilizando o *playback*; e) edição e f) postagem no Canal. Cada um tinha uma tarefa específica cuja responsabilidade era individual, porém a meta só poderia ser atingida se todos cumprissem sua parte.

Uma **interação promotora**, terceiro elemento essencial, necessita que os alunos, “face-a-face”, apostem e acreditem em si e no seu grupo. As ações para que isto aconteça é oferecendo ajuda, dando assistência, apoio, valorização do empenho de cada no ato de aprender. Esta interação promotora “face-a-face” migrou para as plataformas digitais. Isto é, nos vemos “face-a-face” nas telas, sem a corporeidade, mas este contato continua a proporcionar os benefícios elencados por Johnson et al:

Propicia[r] processos cognitivos como o de explicar verbalmente o jeito de resolver problemas, passar o conhecimento de um para todos os colegas, e conectar o presente com o que foi aprendido no passado. [...] Leva a processos interpessoais como o desafiar cada um a raciocinar e tirar conclusões, bem como a desenvolver modelos e a facilitar os esforços para aprender. (JOHNSON et al. 2000).

Estar em contato com os pares, ter que se relacionar verbal ou não verbalmente proporciona *feedback* importante para os estudantes. Por exemplo, os alunos cooperam com os outros no aprendizado de novo repertório. Ao invés do professor compartilhar seu conhecimento, é o colega que já passou pelo processo quem conduz o outro. Esta interação entre os pares acontece em todos os níveis, desde a criança que chega pela primeira vez quanto ao aluno de graduação que está no fim do curso. Outro benefício é o aprofundamento das relações pessoais, os estudantes saem de um nível de conhecimento acadêmico para um nível mais pessoal. O que nos leva ao quarto elemento essencial, ensinar **habilidade sociais**.

Solicitar ao seu grupo que eles cooperem sem ter habilidade social não resulta em nada. “Liderança, tomada de decisão, construção de confiança, comunicação e as habilidades para administrar conflitos, são coisas que devem ser ensinadas com tanta precisão e tanto senso de propósito quanto as habilidades acadêmicas.” JOHNSON et al. 1998, p.28). Essas interações do grupo enquanto aprendem cooperativamente precisam ser processadas pelo próprio grupo, sendo este o quinto e último elemento.

O **processamento do grupo** é realizado pelos estudantes, porém, o docente deve ser o facilitador para que os membros descrevam as ações que foram úteis ou não;

compartilhando sugestões de mudanças de comportamento individual em prol dos objetivos de aprendizagem ou sugerindo quais comportamentos positivos devem ser continuados.

Para o ensino remoto foi muito útil a aprendizagem cooperativa, nós como docentes vindo de uma geração pré-digital, nos beneficiamos em presenciar o empoderamento do espaço remoto por nativos digitais. Ao mesmo tempo em que emprestamos nossa expertise na cooperação e em termos de programas e aplicativos específicos para o ensino de música, já utilizados por mim em aulas presenciais, mas que se mostraram de extrema utilidade para aulas remotas, como o *Classroom Maestro*, e o *PiaScore*.

Conclusões

Elencadas como a extensão universitária é utilizada para a formação do(a) professor(a) de piano, em especial, os estudantes ligados ao PianoLab/UFPB, e descritas a estratégia cooperativa “Aprendendo Juntos” como principal metodologia para atingir este objetivo, concluo este relato com algumas considerações acerca dos resultados obtidos, em especial nos anos pandêmicos de 2020 e 2021.

A participação ativa e contínua nas atividades de extensão dos estudantes de piano é um elemento eficaz para a sua futura prática docente. A cooperação aplicada em todas as suas dimensões se tornou um suporte efetivo para a implementação do ensino remoto de piano no PianoLab/UFPB, e diferente da grande maioria dos estudantes de música na nossa Universidade, o componente curricular Piano foi continuamente ofertado por mim em todos os semestres remotos com aulas síncronas semanais. O fato das atividades de extensão ocorrerem da mesma forma fez com que o integrante da nossa equipe conseguisse enxergar os dois lados da moeda.

Especialmente em um tempo onde há tantas patologias mentais, oferecer metodologias que unem ao invés de dividir, recompensa o positivo, o comprometimento com o grupo e dizer não à competição e a individualidade, é oferecer saúde mental, relações interpessoais positivas e um aprendizado saudável.

Concluo com uma reflexão de Johnson et al ((JOHNSON et al. 2000, p.30), estudantes que trabalham juntos aumentam sua competência social, sua autoestima e saúde; com mais saúde psicológica, mais são efetivos em trabalhar juntos, podendo aumentar o número de relações comprometidas, “pessoas mais saudáveis são mais capazes de desenvolver relações

zelosas e comprometidas. Estes múltiplos resultados formam um *gestalt* central para uma experiência de faculdade altamente elevada”. Isto é, se possuímos uma ferramenta que melhora a saúde como um todo e, a saúde mental em particular, creio que devemos lançar mão dessa ferramenta, principalmente em tempos pandêmicos.

Minha docência pode ser resumida em oferecer ao estudante esta experiência enriquecedora onde o tocar, aprender, ensinar e cooperar ao piano seja algo compartilhado e prazeroso.

Referências

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **RESOLUÇÃO Nº 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014.

CAMACHO, Vânia Cláudia da Gama. **O ensino de piano na Paraíba:: memórias, lugares e práticas musicais (1945- 1985)**. 2013. 278 p. Thesis (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

FALCÃO, José Edmilson; VIEIRA, Josélia Ramalho. Uso de dispositivos móveis para o ensino remoto de piano em grupo em um projeto social. In: **Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical**, IX, 2020, Goiânia. Comunicação disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=m6u6d1MLDo0>

FERREIRA. Lúcia de Fátima Guerra. Caminhos da Extensão na UFPB. In: FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra e FERNANDES, David.(org). **UFPB 50 anos**. João Pessoa, PB: Editora Universitária - UFPB, 2006, p. 55-62.

KAPLAN, José Alberto. **Caso me esqueça(m): memórias musicais**. João Pessoa, PB: Secretaria da Educação e Cultura; Quebra-Quilo, 1999.

JOHNSON, David W.; JOHNSON, Roger T. Learning together In: SHARAN, Shlomo. (Ed.). **Handbook of Cooperative Learning Methods**. Westport, CT: Greenwood Press, 1999a. p.51-65.

_____; _____. **Learning Together and Alone: Cooperative, Competitive, and Individualistic Learning**. Massachusetts: Allyn and Bacon, 1999b.

JOHNSON, David W.; JOHNSON, Roger T; SMITH, Karl A. A aprendizagem cooperativa retorna às faculdades qual é a evidência de que funciona?. In: FREED, Shirley. **Pensar, Dialogar a Aprender**, 2000. Disponível em: <https://www.andrews.edu/~freed/ppdfs/readings.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

UFPB. **Resolução CONSEPE Nº 76/1997**. Fixa normas para o Programa Institucional de Bolsas de Extensão da UFPB – PROBEX. Set. 1997.

UFPB, Universidade Federal da Paraíba. **Projeto pedagógico curso de licenciatura em música**. Mai. 2009.

UFPB. **Resolução CONSEPE Nº 61/2014**. Altera a Resolução nº 09/1993 do CONSEPE, que regulamenta as atividades de Extensão da UFPB e dá outras providências. Dez. 2014.